

the quintet

JAZZ AT MASSEY HALL

recontado por **DOUGLAS BIANCHI**



bud powell

charles mingus



dizzy gillespie



charlie parker



max roach



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

the quintet
JAZZ AT MASSEY HALL

recontado por

DOUGLAS BIANCHI

MARÇO DE 2008
VOLUME 56

MOJO
BOOKS

the quintet
JAZZ AT MASSEY HALL

recontado por

DOUGLAS BIANCHI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**
REVISÃO: **CAMILA KINTZEL**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **DELFIN**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Perdido
2. Salt Peanuts
3. All the Things You Are
4. Wee
5. Hot House
6. A night in Tunisia

JAZZ AT MASSEY HALL THE QUINTET

LANÇAMENTO: **1953**
SELO: **OJC**



A NIGHT IN TUNISIA

ou

O HOMEM QUE MATOU CHARLIE PARKER

Passei por aqui só para lhe devolver sua chave. Não preciso mais dela.
Tchauzinho,
Liza.
P.S.: press play, baby.

— Puta!

O pequeno bilhete já virou um amontoado disforme na mão suada de calor, cansaço e, agora, de raiva. Depois de dois dias sem notícias seria apenas isso o que ela tinha a lhe dizer? Correu pelos cômodos do apartamento pra verificar o que lhe sobrara das coisas em comum que compartilharam durante — pelo menos para ele — a fase mais prazerosa e a mais atordoada de sua vida. Seus olhos passavam rápidos pelos objetos e, aparentemente, estavam todos lá: livros, discos, pôsteres.

Ele julgava conhecer Liza o suficiente para não acreditar nesta história de “devolver sua chave”. Aquela era uma provocação que não ficaria sem resposta. Só não imaginava ainda como se vingar da afronta “liziana”. Olhou pro bilhete amassado como se aquele fosse o olho inquisidor de Deus pronto pra ser chutado, acusando-o pelas sucessivas discussões e o desastroso

rompimento. E antes de dar cabo à bolota de papel, releu-o.

— Grandessíssima puta!

Sua cabeça latejava. Ainda sentia a pressão do sol sobre sua cabeça a assar os seus miolos, apesar de lá fora começar a escurecer. Arrancou a camiseta e com ela enxugou o rosto banhado em suor.

— *Press play, press play... Baby, o caralho!*

> *PLAY*

* * *

Quando o apresentador do Massey Hall subiu ao palco para anunciar a banda com as lendas vivas do *jazz*, Max Roach já ocupava seu lugar, frente à bateria. O tom da voz empolgante de quem os apresentava contrastava com a expressão do rosto e o girar tenso das baquetas pelos dedos do baterista. Ele apenas aguardava que o microfone se calasse para descontar nos pratos e tambores a cólera que o tomava. A discussão no camarim martelava em sua cabeça, rítmica como um metrônomo. Uma briga estúpida que selava a Grande Era do *Bop*.

De novo, os atrasos de Charlie Parker provocaram bate-bocas acalorados. Bird, como em outras vezes, havia esquecido ou penhorado o seu saxofone e, não conseguindo outro emprestado, enviou-lhes um mensageiro comunicando o contratempo que, somado ao atraso da apresentação por

causa da luta de boxe de Rocky Marciano, retardou o espetáculo e acirrou os ânimos dos músicos.

Tão logo se fez o silêncio esperado, a platéia e o baterista começaram, cada qual ao seu modo, a emitir seus barulhos, enquanto os outros músicos entravam em cena. Roach iniciava um solo que se estenderia por alguns instantes e que lhe serviria de base, anos mais tarde, para gravar “I have a dream”, o mais importante discurso de Luther King. Quase ao final desse início, o público se levanta, aplaude e assobia freneticamente, sem parar. O baterista percebe, enfim, o que está acontecendo: é Parker sobindo ao palco.

* * *

Liza e suas esquisitices. Não era a primeira vez que ela aparecia com essa de apertar o *play*. Quando passaram a viver juntos, eram recorrentes estes bilhetes curtos com exigências de volume e hora em que deveriam ser feitos. A única coisa que lhe importava era o cumprimento religioso do pequeno ritual. Com o passar do tempo, foi caindo em desuso, a ponto de haver surgido poucos nos últimos meses de vida conjunta, assim como os jantares e as madrugadas de vinho e sexo.

Ele agradeceu o desaparecimento das caprichosas ordens de Liza. Quantas vezes chegara em casa desesperado por uma ducha ou ainda com

restos de trabalho a fazer e lá ia ele, primeiro, satisfazer-lhe a vontade para que, quando Liza retornasse, estivesse pronto pra recebê-la.

Em uma noite em que não chegou a tempo de ouvir a trilha musical selecionada por Liza, tiveram a primeira das brigas, a que anunciava o início do fim do relacionamento. Ela o acusava de traição por não ter feito sua parte na magia do relacionamento, que ele não se interessava mais por seu corpo, que só pensava em si mesmo, que ele... Oh, era o cacete ter de suportar tamanho sermão por algo tão patético.

— Porra, será que você não entende que não é sempre que dá pra fazer essas suas maluquices e que isso não tem nada a ver com gostar ou desgostar?

Mas pior que a recordação desta briga era a música que escutava, alta, pelo desejo de Liza e pela falta de coragem em contrariá-la, ainda que, por tudo o que ocorrera, não viveriam mais sob o mesmo teto. Esticou o braço para encontrar a caixa do CD. Quinta faixa. “A night in Tunisia”.

* * *

Cada passo de Parker no palco era uma clara demonstração para Charlie Mingus que, além do saxofone, outra coisa motivara o seu atraso. O caminhar trôpego e a gravata amassada do amigo não deixavam dúvidas de que ele havia se picado. Sua úlcera seria mais uma vez a desculpa para a nova

dose de Tia Hazel, enfurecendo ainda mais o baixista.

Quando Roach terminou seu solo, começaram a tocar “A night in Tunisia”. O baterista deu o sinal a Mingus e Bud Powell pra que fizessem a marcação da sessão rítmica, preparando a entrada dos metais.

Chegada a sua hora, Dizzy Gillespie inflou suas bochechas para mais uma vez tocar uma das músicas que criara o mito Charlie “Yardbird” Parker. Apesar da composição ser sua, ninguém a interpretou tão bem quanto Bird. Não eram só a capacidade de improvisação de Parker e a sua pirotecnia que o consagraram, mas o desejo de vivificar e vivenciar cada frase saída de seu saxofone.

O pedido de resposta dado pelo sax ecoou pela sala. Dizzy tocava com satisfação o seu trompete naquela noite conturbada, a plenos pulmões, como se adivinhasse o que viria pela frente. E juntos tocaram os acordes referentes ao Magreb, como em muitas outras apresentações, antes que Parker fizesse seu primeiro e breve solo.

Charlie Parker tocou-o com a mesma volúpia, a mesma intensidade. Seus dedos deslizavam rápidos sobre as chaves do saxofone, acompanhando as batidas nas cordas de Mingus.

Bird estava presente e tocaria para seus súditos.

* * *

Ele se deixou cair no sofá, amassando o livro que havia terminado de ler na noite anterior, enquanto aguardava o retorno de Liza. Acendeu um cigarro e tentou entender de que maneira haviam chegado àquela situação. Sentia a cabeça pulsar, resultado de uma madrugada insone e do forte calor no centro da cidade.

Um sax desvairado e um trompete raivoso que duelavam, invadiam suas orelhas e martelavam energicamente seus tímpanos. Não conseguia pensar em nada. Abriu o livro e releu seu começo: “Hoje, minha mãe morreu”. Se o pedido de Liza contivesse a leitura deste trecho, ele saberia quem morreria de verdade. Ela o havia abandonado e sua vontade era poder lhe cuspir sobre a cara todas as ofensas que conhecia e as que um dia ainda seriam inventadas.

* * *

Gillespie estava furioso com Parker. Os atrasos, as bebidas, os saxofones esquecidos. A vida desregrada de Bird não permitia que o companheiro tocasse tão bem como estava tocando. Seria insuportável ver, outra vez, a platéia delirar com o seu solo. Alguém teria de detê-lo.

Chegada sua vez de tocar, Dizzy ruminava em sua cabeça aquela presença esmagadora quando soprou forte, tão mais que em sua entrada. Era uma agressão dissimulada através da música, notada pelos

quatro amigos no palco.

Bud Powell voltou-se para seu piano. Nervoso, pensava em não retornar para Nova York de carro com o restante da banda, lembrando-se sempre do transtorno que fora a ida e as péssimas condições das estradas até Toronto. Roach, que tocara durante muitos anos com Bird, disfarçou para não comprometer a noite, e questionava porque os negros insistiam em se enfrentar, principalmente sendo Dizzy e Parker. Mingus, por sua vez, não acreditava que Dizzy pudesse fazer tais graças durante o concerto. Ele gravava o show com a intenção de vendê-lo, e a intensidade do trompete poderia comprometer a qualidade da fita.

Só Bird parecia não ter, de fato, assimilado a agressão. Estava incerto quanto ao golpe gratuito despachado pelo amigo. Não concebia a idéia de ter um duelo com Dizzy depois de tantos anos de amor mútuo. O volume do trompete era exageradamente forte para aquela noite de gala pela reunião dos criadores do *Bebop*.

A descarga já havia sido dada e não era mais possível voltar atrás. Gillespie encarou o público com um sorriso, confessando ter cometido uma “trompetada”, e continuou tocando com a mesma ferocidade.

* * *

Aquele trompete começava a irritá-lo. Agora queria entender duas

coisas: qual era a de Liza e o que queria o trompetista. Aliás, sempre tentou entender os desejos dela.

Lembrou-se da primeira noite em que saíram juntos. Foram apresentados por uma amiga comum, no bar em que ela trabalhava. Fim do expediente, Liza sentou-se à mesa com ele e bebeu, nos minutos seguintes, o que ele levava a última hora bebendo. No instante seguinte, já estavam se conhecendo fisicamente sob olhares moralistas e invejosos, e dispostos a terminar o jogo de sedução no apartamento dele.

Foi a primeira vez que alguém lhe gemeu injúrias e berrou de tesão. Liza gritou outras vezes e em outros dias, sempre rogando por mais sexo e mais violência.

— Mas que porra de trompete!

Formava-se em sua cabeça a imagem de Liza com suas bochechas infladas soltando palavras e mais palavras que se transformavam num longo discurso sobre as coisas que ele não conseguia entender sobre uma relação amorosa. Ela dominava o palco armado em sua mente e o culpava por não conseguir amá-la com a mesma intensidade, imputando-lhe a culpa pela ausência e pelo silêncio em que ele se escondia.

* * *

soou natural, o virtuosismo levado à brincadeira, tocando a melodia na noção de tempo em que só Parker vivia. Mas o som do trompete e sua ferocidade pareciam, enfim, ter chegado ao seu córtex. Ainda conseguiu declarar-se Charlie “Bird” Parker, as frases e os dedos mais rápidos do bop. Porém, por pouco tempo.

O que se ouviu em seguida jamais se compararia ao som de Parker. Estava acuado, fugindo à agressividade do amigo. Seus medos cresceram diante de si, representados por cada espectador ali sentado à sua frente. Todos pareciam sorrir-lhe, prontos a devorar seu fígado. O mundo girava ao seu redor, acentuado pelo recente uso de Tia Hazel. E aos poucos, cada fragmento de seu passado se desenrolava à sua frente.

Sentiu a mesma solidão infantil das noites no Kansas enquanto a mãe trabalhava nas boates da cidade. O mesmo tremor nas pernas, ainda garoto, ao ouvir o soar de um dos pratos da bateria de Jo Jones arremessado aos seus pés para que finalizasse sua participação numa jam session. Faltou-lhe a coragem que teve ao fugir para se casar pela primeira vez. Desesperou-se com a lembrança da morte da filha, enquanto excursionava em Los Angeles. As picadas que o tranqüilizavam e faziam sumir suas dores não pareciam mais ser suficientes para acalmá-lo da depressão que o atormentaria até o fim de seus dias.

Naquela noite, Parker fez uma releitura de seu próprio solo. Grande improvisador, capaz de incluir trechos de Stravinsky e música folclórica no

seu ritmo jazzístico, ele debochava de si mesmo e declarava, a todos que quisessem entender, que entregava os pontos.

E foi o que tocou.

* * *

Ele estava transtornado pela impossibilidade de responder às desavenças de Liza. Ao mesmo tempo em que se julgava incapaz de lhe argumentar, pois não sabia como e quanto a desejava, gostaria de lhe dizer que a queria, mesmo não a entendendo.

No mesmo momento em que soou uma batida seca na caixa da bateria da música que Liza selecionara, ele esmurrou o aparelho de CD, silenciando-o com o impacto da mão. Porém, continuou sentindo a música. Procurou de onde provinha o som daquele saxofone acossado até descobri-lo dentro do próprio peito. Era um lamento pela derrota, imputado por si mesmo e declarado por alguém que amava.

Não satisfeito com a bagunça em sua cabeça, resolveu deitar tudo ao chão. Começou pelo pôster de Charlie Parker com que Liza o havia apresentado. Depois partiu para os livros empilhados ao lado da televisão. O barulho produzido pelo impacto dos objetos abafava o som da música, aliviando sua tensão e aumentando ainda mais o ritmo da queda das suas tralhas.

Quando não pôde mais reconhecer a sua sala, parou. Agora podia,

enfim, sentir-se em casa.

* * *

Gillespie, compreendendo a confusão do amigo, encheu suas bochechas e, mal a platéia começou a aplaudir o saxofonista, extravasou o som que guardara durante muito tempo em sua cabeça: o solo mais perfeito que havia criado para sua composição. Seus lábios se comprimiam no bocal do trompete, vertendo música por todo o salão. Queria mostrar quem era o mais feliz naquela noite, quem era o mais realizado na carreira, sem atrasos e dívidas, quem saía para trabalhar com o seu instrumento debaixo do braço, depois de ter praticado à luz do dia. Este show seria para ele a consagração de seu esforço e prazer pela música.

E continuou tocando até o momento em que o público o aplaudiu de pé, como se tratasse de um culto ao Deus da música.

* * *

Ele ouvia um longo sermão de Liza narrando o motivo pelo qual o abandonava e que aquela desordem toda representava a maneira como ele demonstrava o seu carinho por ela e o quanto a amava. Tãmanha era a verborragia, que ele não podia se manter concentrado no fluxo que

emanava daquela boca. Tentou fixar o seu olhar nos pés de Liza, mas eles não paravam quietos, sempre se movimentando, como se dançassem ao ritmo da música.

As suas tentativas de escutá-la eram cada vez mais frustradas. Sem conseguir se manter atento à fala de Liza, Ele se levantou e caminhou em sua direção. O sangue que aquela presença aticava para o pau, tomou o caminho inverso, subindo-lhe pelo pescoço e rebentando em sua cabeça.

Desferiu um forte tapa, mas não havendo ali nada além de sua imaginação quixotesca, foi ao chão fazendo companhia aos cacos que havia criado, e explodiu num choro que o conduziu a um sono conturbado.

* * *

Quando, enfim, Dizzy terminou de solar, era chegada a hora de Bud. Seguindo a marcação do baixo e da bateria, as teclas do seu piano foram pressionadas rápidas e precisas, adquirindo a fluidez e o delírio do *bop*.

Enquanto tocava, pode observar a pequena chama do cigarro de Parker, recluso num canto do palco. Bird estava fisicamente acabado. Tinha trinta e três anos, mas aparentava ter ultrapassado a casa dos cinquenta. Estava pesado e levemente curvado pra frente. Seu olhar estava longe, provavelmente em Kansas City. Bud Powell dedicou, mentalmente, aquele breve solo ao seu amigo que, suspeitava, partiria em breve.

* * *

Ele sonhava.

O sol forte parecia um canhão de luz sobre seu corpo, queimando sua pele e fazendo com que cerrasse os olhos para continuar a caminhada. Não sabia onde estava, nem pra onde ia. O mar estava bravo e o cheiro forte de sal dificultava sua respiração. Parou para enxugar a fronte e descansar um pouco. Apesar de estar só, sentia-se observado. Levantou-se, acendeu um cigarro e voltou a andar.

Longe dali, viu alguém vindo em sua direção. Os passos daquela pessoa eram marcados pelo reflexo do sol em algum objeto metálico, atingindo o seu olho num ritmo rápido e constante. Teve medo, pois não sabia onde estava e pensou que, se não estivesse tão exausto, poderia calcular quanto tempo levaria para que os dois se encontrassem.

Quando se aproximaram, notou que o transeunte vestia uma túnica que lhe cobria todo o corpo, deixando apenas os pés negros a vista. Um pequeno cano prateado saía por um rasgo do tecido. Ao notar que o orifício metálico voltava-se em sua direção, ele sacou a arma que surgiu em seu bolso e atirou.

Com o soar do estampido, o que era deserto virou uma reunião de pessoas que avançou sobre ele, agarrando-o pelos braços e cabelos, for-

çando-o a olhar o morto, enquanto um outro virava o defunto. Ele não pode conter o grito ao reconhecer o corpo de Liza e, sob ela, o saxofone de Charlie Parker.

* * *

A música terminava. Os acordes finais contavam com uma breve participação coletiva e a marcante ascensão dos metais, realçando a musicalidade tunisiana, que ainda lutava pela sua independência. Parker tentou mais uma vez satisfazer-se, ao elevar o volume e a flexibilidade do som de seu sax. Mas a noite era de Gillespie, que tentou apagar o chamado do saxofone, tocando alto e claro: hoje, o rei sou eu!

Bird escondeu-se novamente, enquanto Dizzy explodia tímpanos da platéia e pensava: “Vou devolvê-lo a KC!”.

* * *

Ele acordou com o próprio grito de “não” e com o soar insistente da campainha. Sentia-se cansado, com o corpo dolorido, e não conseguia se levantar pra atender à porta. Esperavam em silêncio. Dois corpos estáticos, esperando a ação de um sobre o outro.

Gritou novamente quando percebeu que a pessoa do lado de fora se

afastava. Era um grito de medo, um chamado. Alto, porém, derrotado. Os passos se reaproximaram e ele, enfim, pôs-se em pé. Ainda bambo, saltou pra abrir a porta. A sua frente, um garoto assustado, olhos esbugalhados pela imagem que ele e sua sala lhe ofereciam.

Ele rompeu o silêncio:

— Não tenho nada para aqui para você. Se você procura por alguém, não é aqui. Vivo só. Não tenho e não quero crianças nesta casa, ok? Área, moleque!

O menino, ainda mais assustado, respondeu-lhe que uma moça bonita pedira para que lhe desse um recado. Ele o cobriu com tantas perguntas — “Que moça? Qual seu nome? Que roupa vestia? Onde ela está agora? Como era ela? Por que não veio pessoalmente?” — que o garoto não soube por onde começar. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, disse que não sabia de nada, apenas que a mulher havia lhe dado umas moedas e... Ele berrou para que o menino lhe dissesse logo qual era o recado, mas enquanto este lhe falava, seus ouvidos captavam apenas o som de um trompete que o levava à loucura.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br